ENAPOL 2015

O IMPÉRIO DAS IMÁGENS

Grupo de Conversação EOL

Integrantes: Adriana Laion, Barbara Navarro, Graciela Diosque, Silvia Perassi, Carolina Córdoba.

Responsável: Sonia Mankoff

***Sujeitos vigiados e vigiantes na sociedade de controle***

Introdução

Os dois significantes que o titulo da nossa pesquisa propõe, *vigilância e controle*, estão em certo sentido presentes nos diferentes modos em que a civilização apresenta de regrar o gozo em cada época, embora na nossa eles mostrem particulares modalidades.

Como sabemos, Lacan define o discurso como laço social, uma estrutura sem palavras que possibilita dar um tratamento a aquilo que escapa à articulação significante, o gozo ineliminável quanto tal em todo laço social. O tratamento que este gozo recebe em cada um dos discursos, faz a sua particularidade.

Nossa época promove uma recuperação do gozo sem perda (discurso capitalista), esse tratamento produz certa aversão (Fanjwaks, 2015)[[1]](#footnote-1) pela palavra que tem efeitos na subjetividade e, mesmo nas modalidades que o laço social vem adquirir.

O império das imagens nomeia um dos usos do gozo que como civilização assistimos. A vigilância e a posição de cada um de nos como vigiados e vigiantes na mesma vez, é uma das caras desse império. O *não parar* que hoje se imprime em quase todos os aspectos da vida, tem uma manifestação especialmente poderosa respeito ao bombardeamento de imagens na qual estamos imersos.

Estas considerações preliminares permitem afirmar que a sociedade de controle no século XXI não tem as mesmas características, ela não serve aos mesmos fins que, por exemplo, o panóptico que M. Foucault tem desenvolvido no século passado. Por essa razão demarcar essas diferenças é um primeiro passo para abordar a análise das maneiras que o controle se apresenta na era da técnica.

A complacência que os *parlêtres* mostram diante do império das imagens e seus efeitos é outra das vertentes que se torna evidente na sociedade de controle de nossos dias. A servidão voluntária, conceito acunhado no século XVI, atualiza a *tendência à submissão [[2]](#footnote-2)* característica da nossa época.

Finalmente os efeitos nos corpos do uso atual da imagem abre a interrogação sobre a perspectiva clínica.

A nossa época se movimenta entre o ideal da transparência absoluta e o direito à intimidade, a opacidade do gozo fica cada vez mais velada e retorna em fenómenos de corpo que não necessariamente se articulam ao inconsciente, e que escutamos em nossos consultórios. O artigo de M. Bassols em Mediodicho 40 é eloquente neste sentido.

Por outra parte, os *parlêtres* começam fazer um uso inédito do registro imaginário, tal como Lacan o desenvolveu a final de seu ensino, abriu a via para novos arranjos sintomáticos que devemos investigar e formalizar.

Visando a problemática a abordar, podemos agora situar, três perguntas:

A primeira delas consiste em situar: Que diferenças achamos entre a sociedade de controle de hoje, em relação com outros momentos da civilização nos quais a vigilância ocupou o lugar do controle social?

A segunda: O que desta engrenagem imaginária produz satisfação no parlêtre, que possibilita ele mesmo se sustentar e multiplicar?

A terceira busca analisar: Que consequências subjetivas podemos nos constatar na clínica daquele olhar omnivouyer?

***Vigiados e vigiantes na sociedade de controle***

“Uma mutação sem precedentes está em curso na história dos homens. Tal mutação modifica nossa relação com o mundo, com nossos corpos e com nós mesmos. Mais do que isso, ela não se realiza secretamente, mas sob nossos olhos. Porém não podemos distinguir com precisão e em toda a sua amplitude. Não é uma questão de evolução nem revolução ou acidente; tampouco é uma escura ameaça, um complot, nem tem deliberado nenhuma consciência, não a concretiza nenhuma escura potencia. (...) Ela se produz. Temos entrado em outro mundo. O século XXI acaba de se por em marcha e já revela o nascimento de uma nova modernidade, uma nova civilização.” [[3]](#footnote-3)

No século passado M. Foucault (Foucault, 2012) desenvolvia os objetivos do panóptico em direção de domesticar os corpos com fins de controle e de utilidade, também situava que a era das disciplinas promovia organizar o múltiplo, imprimir-lhe um ordem, cada corpo colocado em um espaço e em uma disciplina era um corpo útil.

O olho invisível do panóptico no qual cada um podia estar sendo olhado em qualquer momento, tinha efeitos de disciplinamento dos sujeitos.

Porém não é essa a função que as telas hoje têm, mas a propagação até o infinito em um bombardeamento de imagens sem fim e sem finalidade.

Hoje cada um de nos somos vigiados e na mesma vez vigiantes, dóceis a serem olhados, localizados, arremessados com imagens sempre, mas também olhando e mostrando sem parar.

Na conversação previa com o grupo da EBP e da NEL, situávamos uma precisão com respeito às diferencias entre a sociedade de controle de nossa época e aquela do século passado.

Devemos distinguir o olho invisível do panóptico e seus efeitos de disciplina, do olho omnivouyer da época e seus efeitos de espetáculo.

No olho omnivouyer da época achamos o olho voraz, como Lacan assinala no Seminário 11 (Lacan, 1973)[[4]](#footnote-4), que esforça se para olhar mais e mais, mas acrescenta um gozo de mostrar. Olhar a imagem do outro, sua vida, sua intimidade, e exibir a própria, implica avançar em direção da sociedade do espetáculo. Seus efeitos não são de disciplinamento, mas de reforço da pulsão.

O olho omnivouyer é da vigilância, porém em certo sentido sintomático, se configura a vigilância na intenção de enxergar mais além, de apresar o que ainda não pode se ver, ilusão de transparência absoluta que a técnica produz desconhecendo a opacidade do real.

Uma diferença que sobressai na época é que não se verifica o efeito de vergonha que Lacan assinala também no mesmo Seminário, ou pelo menos não no mesmo sentido que no século passado, embora o efeito de estranheza seja o que subsiste. Um efeito de inquietude que Lacan e Freud nos ensinaram a distinguir diante do *unheimlich*, ou seja, diante daquilo que dá noticia da opacidade do gozo mais íntimo. Como diz a frase da poesia de Holderlin citada por Heidegger: *“Na estranheza dá notícia de sua incessante cercania* (Heidegger, 1994)***”[[5]](#footnote-5)***

Essa inquietude é ouvida na clínica de múltiplos modos, o sujeito que sente certa alteridade diante do muro de imagens, por exemplo, ou a estranheza perante imagens próprias exibidas nas redes sociais.

O empurre ao omnivoyeurismo junto com certa posição de servidão voluntária enquadra a vigilância de nossa sociedade de controle.

**A vigilância como empurre à judicialização**

Outra resposta para a pergunta sobre o funcionamento da engrenagem da vigilância no império da imagem, pode se achar no efeito de reforço do supereu, que a época propicia e que esclarece mais as razões da emergência da sociedade de controle.

O incremento normativo (existem cada vez mais normas para legislar tudo) faz com que a tentativa de prevenção a traves de burocracia, de controlar o que escapa à lei, com a pretensão que isto possibilitaria detectar futuros delinquentes, por exemplo, e o empurre à judicialização dos laços sociais, se transforma assim no avesso do imperativo de gozo que o próprio discurso possibilita.

Em nossa comunidade temos criado ha vários anos já, um espaço de investigação chamado de “O sofrimento sob controle”, no qual interrogamos as razões e as consequências de uma sociedade que tenta controlar os corpos desde seu nascimento, à vez que empurra à satisfação do gozo mais e mais. Em essa investigação achamos que o chamado “Empurre à judicialização” é em si mesmo um sintoma social efeito da queda das figuras da autoridade no Outro social. Este empurre explica também a promoção dos direitos como uma marca da época que articula de algum jeito, o direito a gozar a traves da normativização, se busca que as leis garantam o direito de gozo de cada um.

A sociedade de controle é então outro nome do sintoma social efeito do declínio da regulação do gozo na civilização.

**A Servidão voluntária: Onde iria ele buscar os olhos com que vos espia se vós não lhos désseis?[[6]](#footnote-6)**

Os parlêtres da época mostram uma posição de fascinação com as telas, e uma demanda de vigilância, o significante segurança se inscreve como um S1.

Etienne de La Boétie, é um escritor e político francês do século XVI referido por Miller no capítulo XVI[[7]](#footnote-7) do Ultimíssimo Lacan (Miller, 2013), escreve em seus 18 anos o Discurso sobre a Servidão voluntária, em contra do absolutismo e nesse texto se faz a pergunta citada.

Coloca assim a necessária complacência que deve existir do lado do sujeito para que o controle se efetivasse. Perguntamo-nos: Que forma assume essa complacência em nossa época?

J. -A Miller em “A ilusão lírica[[8]](#footnote-8)”, texto aparecido a propósito do atentado em Charly Hebdo em París, descreve eloquentemente a servidão voluntária de nossa época:

*“... Se queremos ser vigiados, escutados, espiados, se a vida tem que ser a esse preço. Lançam-se em servidão voluntária. Por que digo voluntária? Desejada, reivindicada, exigida. No horizonte, o leviatã, “Pax et Princeps”. Em uma época foi Roma, assinalava há tempos Ronald Syme, ou inclusive os republicanos consideravam como um mal menos “submission to absolute rule”. Houellebecq tem razão neste ponto: a tendência, hoje, contrariamente às aparências, não é a resistência e sim a submissão* ” (Miller, J.-A ,*A ilusão lírica)*[[9]](#footnote-9)

Miller distingue a submissão como o paradoxo da resposta dos sujeitos em uma época sem Outro.

Como podemos entender este paradoxo?

A relação do sujeito hipermoderno com a autoridade, em nossas sociedades democráticas, assume a forma de uma cooperação em nome da segurança, a ordem não é dada de maneira assertiva, e sim como um conselho, inclusive de necessidade. Sujeitos que obedecem sem cessar, que se mobilizam pedindo por mais polícia, exigem mais câmeras de vigilância. Eric Laurent, nas Jornadas da EOL de 2013 relacionava essa obediência cooperativa com a ilusão de uma política sem significantes mestres que leva a reforçar o supereu no mundo, o sonho de uma política que se sustenha sobre o S2, ou seja, sem imposições.

**Os efeitos na subjetividade**

Como já dissemos alguns dos efeitos do bombardeamento de imagens verifica-se em certo reforço da satisfação da pulsão, também na inquietude perante o incessantemente próximo à opacidade do gozo de cada um, assim como no empurre, que testemunha da presença soberana do supereu e suas consequências. Constatamos também os efeitos do império da Imagem também na infância.

Vigiar as crianças foi - e continua sendo-o em alguns casos- parte de um falso reasseguro para estar a salvo, resseguros da imortalidade, segundo Freud. A diferença que localizamos hoje - já que como dissemos antes os corpos tem sido sempre vigiados - é que há uma vigilância das imagens dos corpos, uma vigilância através das telas. Não pelo contato dos corpos, sua proximidade, pelo intercâmbio, ou pelas perguntas, e sim pelas imagens deles, e pelo fato de ficarem capturados por uma vigilância de si mesmo nas imagens. É que a aspiração de ser visto não há nada para se opor quando não há ordem simbólico. Por isso ao invés de superestimar as virtudes *esquecendo* os defeitos, como planteava Freud respeito das crianças no que chamou ―”sua majestade o bebê” - o empurre atual pretende algo mais que consiste em *apagar* os defeitos. Nesse sentido não temos certeza de que trate se do narcisismo, ou em qualquer caso não se poderia plantear isso como única leitura, mas o que aparece é a vontade de zero, do “zero defeito”, como nos ensina Eric Laurent (Laurent, 2013)[[10]](#footnote-10). O zero defeito constitui a cara selvagem de uma tentativa de controle da infância que se evidencia nos sintomas das crianças que chegam à consulta. A outra cara desta crise de controle são as crianças sozinhas diante das dificuldades de se apropriar do seu corpo manifestando o temor que isto produz nelas (podemos situar na vinheta que transcrevemos no final).

O império da imagem e sua consequente aversão pela linguagem (Fanjwaks, 2015), verifica-se também em fenómenos de corpo que não necessariamente se articulam ao inconsciente e que abre passo para um uso inédito do imaginário por parte dos parlêtres. Este uso leva-nos a considerar a diferença entre imagem e imaginário e a situar uma função possibilitadora da imagem que abre uma via de investigação bem fecunda.

“O imaginário na medida em que ele nos dá as coordenadas fundamentais para viver nesse mundo (...) permite imaginar a maneira de como se virar com o sintoma”. [[11]](#footnote-11)

**A promoção do imaginário como efeito do silencio do real**

Finalmente, a respeito do imaginário, situamos uma primeira diferença, entre a profusão de imagens que, desarticuladas do simbólico, produzem o encontro com um troço de real perante o qual a angustia responde, um real que não estaria mais sujeito ao simbólico e que deixa o imaginário a toa em seu próprio caos- ou seja, a perspectiva do imaginário que o situa como borde do real.

No capítulo XV do Ultimíssimo Lacan (Miller, 2013) que se chama *O real não fala*, Miller utiliza significantes que permitem tatear a opacidade com a qual temos que lidar na experiência analítica: *toda psicanálise ocorre na escuridão[[12]](#footnote-12)* disse e adiciona: *“O real é mudo, até mesmo o saber que ele inclui”*[[13]](#footnote-13)*.* Esse saber mudo não se procura, ele é da ordem do encontro e isto mesmo localiza a promoção da categoria da contingência na clínica do parlêtre.

Essa opacidade envolve também a política da cura e a transmissão da clínica. Encontramo-nos na frente de uma espécie de momento charneira entre as consequências do último e do ultimíssimo ensino de Lacan, no qual esbarramos com a dificuldade de formalização, de transmissão, e mesmo de orientação, em uma clínica que já realizamos embora por enquanto não tenhamos conceptualizado bastante.

**O retorno para o imaginário**

Miller no mesmo texto localiza uma das consequências deste real mudo, o retorno para o imaginário, assim mesmo interpreta que Lacan, produz uma *promoção do imaginário*[[14]](#footnote-14)·, na forma da promoção do corpo.

Citando ele: “*o gozo, a contingência e o corpo conjugam-se em uma promoção do imaginário[[15]](#footnote-15)”*

Duas operações tomam lugar na experiência analítica: a Imaginarização do simbólico e a Imaginarização do real. A primeira esforça- se em lograr fazer falar o real não sem atingir ao semblante. Contudo a aposta mais difícil é superar a hiancia entre o imaginário e o real, via a imaginarização do real:

*“No silencio do real, em quanto que sempre há que desconfiar do simbólico que mente, só resta o recurso ao imaginário, ou seja, ao corpo, ou seja, ao tecido.” [[16]](#footnote-16)*

O pano, no entanto, implica uma materialidade e uma imagem que circunscrevem os interstícios entre as tramas, o pano é com o corpo mesmo, mas também com a palavra, é uma trama que apresa algo. A perspectiva do tecido permite captar a diferença entre a imaginarização do real, e o bombardeamento de imagens cujo império marca nossa época.

**Algumas vinhetas**

Vinheta 1

O panóptico atual produz alguns efeitos concretos, por exemplo, nas demandas de atenção para as crianças. Ver tudo tem se convertido em um imperativo da vida cotidiana. Certa vez um casal de pais acode à consulta para saber se sua pequena filha poderia ter signos de abuso. Desde o nascimento daquela menina, tinham instalado câmeras em vários lugares da casa y ao envia-la para o maternal, se preocuparam de escolher um que tivesse câmeras de vigilância. Porém, com todas as medidas de controle, advertem que algo poderia não ter sido visto quando apareceram indícios de um prazer alcançado no corpo da filha, e isso fez eles se angustiarem pelo pânico do abuso sexual, ameaça que hoje anda a espreita as famílias. Mais e mais câmeras é a única solução que eles demandam.

 Vinheta 2

Uma adolescente consulta por sofrer de anorexia, atormentada pelo medo de ganhar peso sofre muito pensando constantemente nisso. Não consegue se separar da mãe, é a única companhia que aceita, fica angustia quando ela não esta.

Relata- me que os últimos três anos de sua vida submeteu-se a tratamentos com médicos clínicos, nutricionistas, psicólogos, psiquiatras- já permaneceu dez dias internada- recebendo estrito controle e monitoramento. Atualmente o pai a obriga a se pesar uma vez por semana. A última equipe médica não quis continuar tratando-a por não cumprir com os tratamentos.

A aposta da analista por um semblante sereno que aloja o sofrimento e não lhe indica nada respeito à comida, dietas, peso ou atividade física. Um colega psiquiatra no qual é derivada orienta ela e seus pais nessas preocupações.

Aos poucos começa a se perguntar o que quer fazer da vida, passa rapidamente de *top model* a nutricionista, começa a se interessar muito com a comida, quer investigar e saber a respeito, ser “minha própria nutricionista”. Depois de alguns meses de tratamento interpreta que começou a se sentir livre “posso me conscientizar de fazer algo mais saudável, antes tudo era proibições e controle”. Descobre que “ama cozinhar” e cozinha para seus familiares e para vender, ela sempre faz comidas “saudáveis”, o medo de ganhar peso persiste, mas espera da análise para ajudar a removê-lo. Tem decidido para o próximo semestre dar início um curso de cozinha, sabendo que só vai experimentar alguns poucos pratos.

O movimento que vai do controle à proibição instalada em tratamentos anteriores, abre a possibilidade de alojar uma pergunta sobre a vida e as invenções possíveis. É um tratamento que mostra como a vigilância e o controle conduzem ao pior.

Sonia Mankoff

Tradução do espanhol: Josefina Elias

1. Fanjwaks, F. Seminário Internacional do CIEC, *O Corpo e a aversão pela linguagem no século XXI*, Córdoba, 2015 [↑](#footnote-ref-1)
2. Miller, J.-A. MINAS COM LACAN, Uma iniciativa EBP-MG e IPSM-MG, *A ilusão lírica.*2015. Disponível em <http://minascomlacan.com.br/blog/por-jacques-alain-miller/> Acesso em 18 Julho 2015 [↑](#footnote-ref-2)
3. Wajman G. *El ojo absoluto*, Ed. Manantial, 2011. (A tradução é nossa). [↑](#footnote-ref-3)
4. Lacan, J. , El Seminario Libro 11, *Los cuatro conceptos fundamentales del psicoanálisis,* Buenos Aires, Ed. Paidós, 1989 p.122 [↑](#footnote-ref-4)
5. Heidegger, M.*Poéticamente Habita El Hombre,* Traducción de Eustaquio Barjau, en *Conferencias y Artículos*, Serbal, Barcelona, 1994. (A traducão é nossa) [↑](#footnote-ref-5)
6. Ettiénne de La Boétie, *Discurso sobre la servidumbre voluntaria*. Esta pergunta aparece no Discurso de a servidão voluntaria em La Boétie Libros de La araucaria 2006, p.22 (A tradução é nossa). [↑](#footnote-ref-6)
7. Miller J. - A. “El ultimísimo Lacan”. Editorial Paidós, Buenos Aires, 2013. P.248 [↑](#footnote-ref-7)
8. Miller, J. -A. MINAS COM LACAN, Uma iniciativa EBP-MG e IPSM-MG, A ilusão lírica. 2015. Disponível em <http://minascomlacan.com.br/blog/por-jacques-alain-miller/> Acesso em 18 Julho 2015 [↑](#footnote-ref-8)
9. Miller, J. -A. MINAS COM LACAN, Uma iniciativa EBP-MG e IPSM-MG, A ilusão lírica. 2015. Disponível em <http://minascomlacan.com.br/blog/por-jacques-alain-miller/> Acesso em 18 Julho 2015 [↑](#footnote-ref-9)
10. Laurent, E. *El psicoanálisis y la crisis del control de la infancia* en El Caldero de la Escuela N° 20, 2-8 2012. [↑](#footnote-ref-10)
11. Laurent E. Argumento do VI Encontro Americano de Psicanálise da Orientação Lacaniana, *Falar com seu sintoma, falar com seu corpo, 2013.* Disponível em: <http://www.enapol.com/pt/template.php?file=Argumento/Hablar-con-el-propio-sintoma_Eric-Laurent.html> Acesso em 20 Julho 2015 [↑](#footnote-ref-11)
12. Miller J. -A. “El ultimísimo Lacan”. Editorial Paidós. Buenos Aires 2013. Pag.234 (A tradução é nossa) [↑](#footnote-ref-12)
13. Miller J. -A. “El ultimísimo Lacan”. Editorial Paidós. Buenos Aires 2013. Pag.242 (A tradução é nossa) [↑](#footnote-ref-13)
14. Idem p. 246 [↑](#footnote-ref-14)
15. Idem p. 246 [↑](#footnote-ref-15)
16. Idem p. 259 [↑](#footnote-ref-16)